

RAMAYANNA HOSS

**AS APRENDIZAGENS E OS DESAFIOS DOS ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA DO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA**

Porto Alegre

2017

RAMAYANNA HOSS

**AS APRENDIZAGENS E OS DESAFIOS DOS ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA DO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Educação Física da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito
para obtenção do grau de Licenciada em
Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho aos meus pais, Renato Hoss e Ilse Maria Hoss por todo apoio e incentivo e, também, aos meus irmãos Leonardo Hoss e Julia Hoss por todo carinho. Amo vocês mais do que tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Renato Hoss e Ilse Maria Hoss que me incentivaram em minhas buscas e me apoiaram plenamente durante a Graduação.

Agradeço, também, a todos os professores pelos conhecimentos transmitidos.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva, pela confiança, dedicação e por todo o apoio durante o desenvolvimento deste Trabalho, estando sempre disponível para ajudar e tirar dúvidas. Muito obrigado pelo incentivo durante esse um ano de trabalho juntas.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a importância dos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na formação dos futuros professores. Entendo a importância deste tema de pesquisa por compreender que o desenvolvimento profissional é fruto do compartilhamento de saberes, de experiências, enfim, do trabalho reflexivo, construído de forma crítica, sistemática e coletivamente. O Trabalho aprofunda as aprendizagens construídas e os desafios vividos a partir da realização dos três Estágios de Docência, procurando compreender como estes contribuíram para minha formação docente em Educação Física. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo baseado na Pesquisa Narrativa e Autobiográfica, na qual procurei narrar e refletir sobre a prática pedagógica da experiência nos três Estágios de Docência, além de apresentar os desafios e as aprendizagens dessas práticas. Pensar na formação do professor de Educação Física remete a analisar os papéis dos Estágios de Docência na construção da identidade do professor, bem como, revisitar os saberes para a docência. Concluo que o percurso dos Estágios, apesar de curto, é um importantíssimo começo na carreira profissional dos graduandos, período de ricas aprendizagens e diversos desafios. Ao final dessa pesquisa, apresento como uma das minhas principais reflexões, que levarei para a minha futura prática pedagógica, de que, muito daquilo que acontece nas aulas de Educação Física é reflexo das atitudes do professor em aula, assim sendo, mais uma vez ressalto a importância das reflexões a partir da prática.

Palavras chaves: Estágio de Docência; Educação Física Escolar; Reflexão sobre a Prática.

LISTA DE SIGLAS

EFI	Educação Física
EF	Ensino Fundamental
EI	Educação Infantil
EM	Ensino Médio
ESEFID	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
IES	Instituição de Ensino Superior
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA	12
2.2 A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	16
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	18
3. METODOLOGIA	22
3.1 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES	23
3.1.1 Diário de Campo	24
3.1.2 Análise de Documentos	25
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES	26
4.1 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
4.2 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	31
4.3 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	49
APÊNDICE A – TABELA REVISÃO DE LITERATURA	49

INTRODUÇÃO

Durante toda minha época de estudante na Educação Básica, gostava muito das aulas de Educação Física (EFI). No entanto, isso não foi um motivo para eu pensar em prestar Vestibular para o Curso de EFI. Meu real interesse pela EFI, como profissão, se manifestou a partir do momento que comecei a frequentar uma academia de ginástica, onde fazia musculação. Digo sempre que foi amor à primeira vista. Simplesmente fiquei encantada. Isso foi em março de 2010, ano em que cursava o terceiro ano do Ensino Médio (EM). Antes disso, eu pensava em fazer Vestibular para Nutrição, já que eu tinha muito interesse por assuntos nessa área. Assim que concluí o EM, prestei Vestibular para Nutrição em duas Universidades, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), porém não consegui a aprovação. No ano seguinte, prestei Vestibular para o Curso de EFI nas mesmas Universidades, e obtive aprovação nas duas. Optei pela UFRGS e ingressei na no segundo semestre de 2012.

Quando ingressei no Curso de EFI da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da UFRGS, tinha claro que escolheria a ênfase de Bacharelado, mas para minha surpresa, naquele ano de 2012, a ESEFID estava implantando um novo Currículo que, de certo modo, “obrigava” seus alunos a cursarem, primeiramente, o Curso de Licenciatura e, posteriormente, o aluno poderia solicitar o reingresso no Bacharelado, e, assim, concluir a formação nas duas ênfases. Isso foi uma surpresa para mim, pois na hora de prestar o Vestibular vi que não tinha a opção de Bacharelado e Licenciatura, como tinha em Santa Maria, mas eu pensei então que eu ia poder optar, após ser aprovada.

Até o momento anterior à realização do primeiro Estágio de Docência, não havia cogitado a possibilidade em dar aulas de EFI em escola. Após ter tido minha primeira experiência como estagiária na escola, passei a refletir sobre como todas aquelas situações vividas no Estágio contribuiriam para minha formação docente. Deste modo, a escolha do tema de pesquisa deste Trabalho teve início a partir da realização do Estágio de Docência de EFI na Educação Infantil (EI), etapa de muitas dúvidas e desafios, mas com muitas aprendizagens também.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de refletir sobre os Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em EFI, da UFRGS, que são disciplinas oferecidas no currículo do referido Curso e de extrema importância na

formação docente, uma vez que inserem o futuro professor em um contato direto com a escola. Penso que a docência é uma profissão que se aprende desde que se entra na escola, enquanto estudante da Educação Básica, pela observação da prática pedagógica dos professores.

Este Trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro trata da introdução e justificativa deste Trabalho, onde conto um pouco sobre minha trajetória acadêmica e justifico a escolha do tema de pesquisa do TCC. No segundo, apresento a aproximação ao problema, o problema de pesquisa e os objetivos deste TCC. O terceiro capítulo trata dos principais referenciais teóricos utilizados na pesquisa. No quarto capítulo, exponho a metodologia do Trabalho, a caracterização do tipo de pesquisa realizada e os procedimentos que utilizei para obtenção de informações. No quinto capítulo apresento as análises e discussões e, no último capítulo, apresento as Considerações Finais. E por fim, as Referências utilizadas para o desenvolvimento do TCC e os Apêndices.

No capítulo seguinte, apresento a aproximação ao problema, onde relatarei como cheguei ao problema de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos.

1 APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA

Neste capítulo, apresentarei como cheguei à definição do problema de pesquisa. Do mesmo modo, relato aqui os objetivos que pretendo alcançar com este Trabalho.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Desde que tive meu primeiro contato com a escola, no segundo semestre de 2015, na realização do Estágio de Docência na EI, passei a refletir de que maneira todas aquelas aprendizagens que eu estava construindo e desafios vividos estavam contribuindo para minha formação docente.

O Estágio de Docência constitui um processo de transição profissional, que procura ligar duas lógicas: educação e trabalho. É uma disciplina que se destaca no currículo do Curso de Educação Física por colocar o futuro profissional em contato com a realidade educacional. De acordo com Pimenta e Lima (2004), o Estágio pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do Curso, como também, uma possibilidade de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas.

Julgo ser importante o tema de pesquisa deste Trabalho por compreender que o desenvolvimento profissional é fruto do compartilhamento de saberes, de experiências, enfim, do trabalho reflexivo, construído de forma crítica, sistemática e coletivamente.

Penso ser muito importante estudar as aprendizagens e os desafios da realização do Estágio, pois as ideias de melhora, de qualidade educativa e de aperfeiçoamento, surgem, na maioria das vezes, frente a situações problemáticas e à necessidade de resolvê-las. Para Azolini (2012), as situações de tensões vividas no Estágio são importantes para o aprendiz uma vez que, ao longo da carreira profissional, será inevitável não se deparar com problemas.

Sendo assim, minha intenção com o referente estudo é expor os desafios enfrentados, bem como as aprendizagens construídas através dos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em EFI, compreendendo a contribuição destes em minha Formação Inicial em EFI. Desta forma, o presente Trabalho trata, principalmente, sobre as principais aprendizagens construídas nos Estágios de

Docência da ESEFID/UFRGS e dos principais desafios vividos nestes. Alguns sentimentos identificados durante o período dos Estágios, bem como alguns aspectos que considere relevantes, também serão descritos neste Trabalho. Este TCC tem como objetivo finalizar a minha Formação Inicial, através de um estudo em que retomei minhas memórias e situações vividas, a fim de otimizá-las no meu momento futuro, já como professora de EFI.

Desta maneira, o problema de pesquisa deste Trabalho ficou configurado na seguinte questão: **Como as principais aprendizagens construídas e os desafios vividos na realização dos três Estágios de Docência da ESEFID/UFRGS contribuíram para minha formação docente em Educação Física?**

1.2 OBJETIVOS

A partir da formulação do problema de pesquisa apresentado anteriormente, construí objetivos geral e específicos do Trabalho, que trato a seguir:

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa trata de compreender como as principais aprendizagens construídas e os desafios vividos na realização dos três Estágios de Docência da ESEFID/UFRGS contribuíram para minha formação docente em Educação Física.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a)** Compreender os principais desafios enfrentados na realização dos três Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS;
- b)** Compreender as principais aprendizagens construídas na realização dos três Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS;
- c)** Compreender a importância dos Estágios Docentes na Formação Inicial em Educação Física.

No próximo capítulo, apresento a revisão de literatura realizada para construção desse Trabalho.

2 REVISAO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresento a revisão de literatura, a partir dos temas que considere relevantes para o desenvolvimento do presente estudo.

O referencial teórico é a base que sustenta uma pesquisa, já que para avançarmos em determinado estudo, é necessário conhecermos o que já foi desenvolvido por outros pesquisadores.

A pesquisa para a revisão de literatura deste Trabalho foi realizada nas seguintes revistas científicas da área de conhecimento da EF: Motrivivência (Florianópolis), Motriz: Revista de Educação Física (Online), Movimento (UFRGS), Pensar a Prática (Online), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista da Educação Física (UEM, Online), Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), LUME – Repositório Digital – UFRGS. Destaco que quando a Revista não constar no quadro do Apêndice 1 significa que não foi encontrado nenhuma referência sobre o tema naquela Revista. Durante a pesquisa, utilizei os seguintes descritores para busca: "aprendizagens no Estágio de EF", "Estágio de EF" e "formação docente em EF". Em um primeiro momento, foram selecionados 28 artigos para análise e leitura do resumo, pois tinham relação com a temática desta pesquisa e, destes, utilizei 12 para revisão de literatura que apresento a seguir, pois após uma leitura mais aprofundada dos artigos, verifiquei que estes tinham relação direta com a pesquisa.

2.1 O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Os Estágios de Docência são oferecidos a partir da quinta etapa do currículo do Curso de Licenciatura em EFI, da UFRGS, por meio de ações integradas com escolas das Redes Municipal e Estadual de Ensino da cidade de Porto Alegre/RS.

Os estudantes realizam práticas pedagógicas de EFI nos diversos níveis de ensino (EI, EF e EM), sob orientação de um docente do Curso de Licenciatura e de um professor da escola de realização do Estágio. De acordo com a Pesquisa de Maffei (2014) o Estágio apresenta um grande potencial formador, devido à alta influência na constituição identitária do profissional e à condição de articular os conteúdos aprendidos ao longo da formação à realidade do trabalho.

Percebo o Estágio um espaço formativo e de compreensão da realidade, pois

este poderá vir a ser o futuro campo de trabalho do estagiário, a escola. A partir disso, esse local é marcado por aprendizagens, acertos, tentativas e desafios. Sendo assim, o Estágio pode ser uma experiência de confirmação da escolha profissional.

De acordo com Pimenta (2006): “O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou alguma ‘ação’. A profissão de professor também é prática” (p.28) [grifo do autor].

Para Azolini (2012): “É o estágio que torna favorável o envolvimento com a realidade escolar e seu contexto, permitindo a aplicação e reflexão dos conhecimentos adquiridos” (p. 19).

Uma das maneiras de se aprender a profissão é através da imitação, que se dá a partir da observação, da reprodução e, por vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como “bons”. Nesse processo, escolhemos e separamos aquilo que consideramos adequado, acrescentando novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançamos mão de experiências e saberes adquiridos ao longo do processo de formação.

De acordo com Pimenta (1997), a identidade do docente não é um dado imutável, nem externo, que possa ser adquirido. E sim, um processo de construção do sujeito historicamente situado. A partir disso que o Estágio de Docência é fundamental na formação da identidade docente do aluno de Licenciatura, especialmente pelo fato de propiciar a este um momento específico de aprendizagem e de reflexão com sua prática pedagógica.

A trajetória profissional de professores, entendida um processo que se inicia, por vezes, durante a Formação Inicial, em especial, nas situações de Estágios, nas quais os estudantes universitários são inseridos no ambiente escolar, tem sido enfatizada por diversos pesquisadores (MARTINY; SOUZA; SILVA, 2013; BISCONSINI; OLIVEIRA, 2016; SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016; SILVA; TORRES, 2016).

O Estágio de Docência foi uma experiência única na minha formação, pois foi a partir da sua realização que passei a enxergá-lo de outro modo. Antes, eu os via apenas uma etapa a ser cumprida, marcada por representações negativas sobre a escola e sobre a figura do professor que atua nela. De acordo com os dados reunidos por (SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016) que focalizou desafios presentes no processo de Estágio Supervisionado enfrentados por estudantes

(estagiários), professores universitários (supervisores) e professores de escolas (colaboradores), este sentimento de negação da escola como um espaço de formação faz parte da experiência do Estágio, e, também, esteve presente nos achados de sua Pesquisa. Porém, atualmente, enxergo os Estágios um período em que você pode realmente se descobrir, ou seja, um período que você vai saber se quer ou não trabalhar em escola.

A preparação e realização do Plano de Aula, a realização e a observação da aula, a crítica e a reflexão sobre a aula, dominam largamente o espectro das preocupações dos estagiários, e, também, dos seus supervisores/orientadores.

Ainda falando sobre as dificuldades vividas em situação de Estágio, o estudo de Souza Neto, Sarti e Benites (2016), também apresenta os obstáculos que os estagiários encontram para transitarem do “ofício de aluno” para a construção de uma identidade relacionada ao Magistério. De acordo com este estudo, os estagiários tendem a ser recebidos, nas escolas, como alunos da Universidade e não como futuros professores, tornando essa passagem, um tanto complicada, tanto para o estagiário, quanto para a própria escola. A partir disso, podem ser gerados alguns elementos como insegurança, recorrência à Universidade como proteção, lamentações pelas frustrações quando algo dá errado, entre outros pontos que vão construindo um perfil de estagiário e não de docente. Além disso, outro aspecto relevante da pesquisa de Souza Neto, Sarti e Benites (2016), e que vale ser ressaltado, é o fato de muitos dos estagiários não reconhecerem a escola um ambiente de formação profissional e, como dito, não se identificam com os professores em suas práticas, valores e saberes. Muitos deles frequentam o Estágio como um mero prolongamento de suas atividades universitárias e é no exercício do “ofício de aluno” que esses futuros professores desempenham tais atividades. Sinto que esse foi um dos sentimentos que vivi ao realizar os Estágios.

Já, o trabalho de Vieira, Santos e Ferreira Neto (2012), cujo objetivo foi dar visibilidade aos espaços formativos identificados por professores de EFI do EM da Rede Estadual do Espírito Santo, como significativos em suas histórias e práticas profissionais, apresenta que, além dos aspectos vivenciados na Formação Inicial, os narradores destacam a relevância dos momentos de Estágio e Cursos de Extensão, como espaços formativos significativos. Atualmente, e ainda, na realização deste TCC, vejo o Estágio um período muito rico de aprendizagens e entendo a escola um espaço para enriquecer minha formação como professora, em que recebi todo apoio

dos Orientadores do Estágio. A ansiedade e a insegurança do quê e como ensinar, qual a melhor maneira para lidar com os alunos, como atuar na escola, por exemplo, foram anseios constantes durante o percurso dos Estágios, principalmente quando realizei o primeiro deles. De acordo com Martiny, Souza e Silva (2013), estas excitações envolvem, principalmente, nesse primeiro contato com a docência, todo o agir dos futuros-professores e para a grande maioria destes, os Estágios Supervisionados se convertem no primeiro contato real com a docência.

O estudo de Bisconsini e Oliveira (2016) objetivou analisar o papel do Estágio Curricular Supervisionado na Formação Inicial de professores, na perspectiva discente, e os dados obtidos, apontam a fragilidade do processo vivenciado, que vai desde a estrutura curricular até o suporte durante as etapas que compreendem o Estágio Curricular Supervisionado. Neste estudo, destaca que o período do Estágio é o momento de os futuros-professores experimentarem as ações planejadas a partir do que foi aprendido na Instituição de Ensino Superior (IES), além de terem a possibilidade de aplicar e transformar proposições do processo formativo. Porém, no dia a dia dos Estágios que realizei, pude perceber que essa tarefa não é tão simples assim, e, quando vamos dar propriamente a aula de Educação Física, é que estamos em contato com a realidade, e não apenas com o aprendido na Universidade.

Silva e Torres (2016), entendem que o estudante de Estágio, ao seu modo de compreender e de se apropriar da realidade escolar, enquanto docente de EFI, é capaz de produzir conhecimento próprio, na medida em que reflete sobre sua prática, organiza a experiência vivida e escreve sobre ela no Diário de Campo, realiza leituras para dar conta de suas aulas e dos desafios da prática pedagógica, conversa com os sujeitos da realidade escolar (docentes das turmas, Supervisora Pedagógica da escola, crianças com as quais trabalha, núcleos familiares das crianças, Orientadora de Estágio, dentre outros sujeitos) e reflete sobre a construção de sua docência.

Os Estágios Supervisionados se convertem em vivências responsáveis por levar o futuro-professor a construir articulações entre as diferentes disciplinas do Curso de Formação Inicial (Licenciatura) e a sua prática docente concreta (MARTINY; SOUZA; SILVA, 2013). Estes Estágios acabam servindo como um canal de ligação entre os conhecimentos teóricos apreendidos na Formação Inicial e as experiências práticas vivenciadas no âmbito escolar. Essas atividades didáticas

terminam por marcar um excelente elo entre a Universidade e as escolas, visto que, é por meio delas que os futuros-professores começam a interagir com os contextos reais de aplicação da sua formação.

Entendo que a Instituição de Ensino Superior se constitui como o local onde os discentes mobilizam saberes capazes de transformar determinadas práticas, e que, quando se aproxima o acadêmico de seu futuro local de intervenção profissional desde o início de sua formação, isso pode vir a capacitá-lo para um enfrentamento mais consistente de todas as muitas adversidades que o meio educacional possui.

A partir disso, o tema tratado a seguir reflete sobre a construção dos saberes da docência em Educação Física.

2.2 A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A docência não é uma atividade profissional meramente técnica, pois penso que dela se exige uma sensibilidade, flexibilidade e heterogeneidade próprias à natureza social da ação educativa.

Entendo por saberes da docência, os conhecimentos, sejam científicos ou não, e as habilidades que o professor utiliza no dia-a-dia do seu trabalho. São os saberes da formação profissional. De acordo Oliveira e Ramos (2008) existem quatro tipos de saberes docentes, são eles: saberes da formação profissional, saberes das disciplinas, saberes curriculares e os saberes da experiência, que são desenvolvidos pelo professor no exercício de sua profissão. Os autores destacam a questão de como a formação profissional em EFI pode contribuir para o começo da prática profissional dos professores, para os saberes docentes que eles podem desenvolver e como sistematizá-los para a escola que irão ministrar aulas.

Pensar na formação do professor de EFI me remete a analisar os papéis dos Estágios de Docência na construção da identidade do professor, bem como, revisitar os saberes para a docência. Isso por compreender que o Estágio é a disciplina que permite aos alunos dos Cursos de Licenciatura a apropriação de instrumentos teórico metodológicos para atuação no ambiente escolar. O período do Estágio é o momento de o estagiário tentar compreender o sistema de ensino, as políticas educacionais, a escola e os sujeitos com os quais irá desenvolver/construir processos de aprendizagem. Por isso, antes de iniciarmos as aulas do Estágio,

observamos a turma com que iremos trabalhar, assim como, estudamos o Projeto Político Pedagógico da escola.

Farias et al. (2008), acreditam que os Cursos de Licenciatura necessitam propor, nas disciplinas ministradas, elementos da profissionalidade docente para que o estudante possa adquirir ou acrescentar no seu fazer pedagógico as crenças, os valores e as atitudes do ser docente. Entendo por profissionalidade docente o conjunto de comportamentos, conhecimentos, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor.

As práticas pedagógicas contêm um acervo de conhecimentos que constituem os saberes pedagógicos por estarem sempre dialogando com as teorias e com as experiências vividas na prática. Portanto, no seu conjunto, estão contidos elementos como: “[...] a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática [...]” (PIMENTA, 2013, p. 147).

Tardif (2007), considera o ensino, a atividade primordial para a aprendizagem da profissão docente. O autor salienta que a interação social com os diferentes grupos de alunos estabelece relações e desencadeia com eles um processo de formação, sendo, portanto, o saber docente resultante dessas interações. O estudo de Bisconsini e Oliveira (2016), mostra que os acadêmicos, ao serem questionados a respeito da contribuição do Estágio Curricular Supervisionado para sua futura atuação profissional, ressaltam a importância deste como forma de preparação para sua futura atuação profissional. Ainda, segundo Bisconsini e Oliveira (2016): “A formação inicial de professores se constrói a partir dos saberes mobilizados durante a graduação e das experiências de cada acadêmico, que incluem as relações sociais estabelecidas dentro e fora da escola e que fazem parte do processo de formar-se professor” (p. 354).

De acordo com Pimenta, (1997, p. 12): “A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”. Portanto, comportam situações problemáticas específicas de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores, que surgem nas relações sociais que são estabelecidas.

De acordo com Souza Neto, Sarti e Benites (2016), é na escola, no convívio com professores experientes, que os estagiários podem perceber que compartilham um modo específico de atuação, que contém um “saber diferente” daqueles aprendidos na Universidade. Segundo os achados no trabalho do autor, é justamente nesse momento que começam a ser estabelecidas relações mais intensas entre os estagiários e os professores que os recebem em classe. Essa foi uma situação que vivi na primeira experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil. Algumas vezes percebi que, tanto a professora orientadora do Estágio, quanto a docente responsável pela turma, pareciam adivinhar se a atividade daria certo ou não. Ou, em outras vezes, a docente responsável pela turma fazia a mesma atividade que eu, porém com mais desenvoltura, o que implicava que as crianças prestavam mais atenção. Souza Neto, Sarti e Benites (2016), afirmam que:

Esse saber partilhado entre os professores confere-lhes legitimidade e, portanto, certo poder diante dos inseguros estagiários que, nesse momento, passam a relativizar a qualidade da formação recebida na universidade e os aspectos como controle, disciplina, troca de atividades etc., tornando-se pontos evidenciados pelos estagiários como motivos para reanalisar o olhar sobre o professor (p. 317-318).

Ainda de acordo com Souza Neto, Sarti e Benites (2016), quando nos deparamos com as diferentes perspectivas sobre o trabalho docente, ficamos em contato com a dinâmica de produção dos saberes docentes, caracterizada pela confluência entre os conhecimentos universitários – vinculados aos saberes da formação profissional, saberes disciplinares e saberes curriculares – e os saberes vinculados a uma lógica experiencial, baseada nas experiências e vivências da própria profissão, que configura maneiras de agir e formas de verbalizar os conhecimentos, assim como, formas de ver e conceber a própria profissão.

2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao realizar este TCC, que trata da aprendizagem da docência, julgo ser importante relembrarmos da Instituição na qual o docente exercerá sua profissão, bem como as funções desta, que é a escola. A EFI é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a Educação. Porém, de acordo com Ghilardi (1998), é uma área com aproximadamente 60 anos na Universidade, tendo sido criada em meados da década de 1940.

De acordo com Pérez Gomez (1998): “A função da escola, concebida como instituição especificamente configurada para desenvolver o processo de socialização das novas gerações, aparece puramente conservadora: garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência mesma na sociedade (p. 14). Já para Tardif e Lessard (2014):

[...] o ensino em ambiente escolar se impõe pouco a pouco como uma nova prática social institucionalizada que irá substituir progressivamente as outras formas de socialização e de educação (tradicionais, familiares, locais, comunitárias, informais, etc.). Ora, longe de se desfazer com o tempo, constata-se que esse modo de socialização e formação, que chamamos de ensino escolar, não para de expandir-se, ultrapassando em muito a instituição que lhe serve historicamente de suporte, ou seja, a escola (p. 23).

A partir destes dois trechos, entendo que dentre as funções da escola, uma delas é a socializadora, ou seja, aqueles que frequentam essa Instituição estão ali para compreenderem, integrarem e transformarem o contexto social em que estão inseridos, além da função de Educação.

Entendo que o docente, que está inserido na escola, é quem está mais próximo dos alunos e tem a responsabilidade de educar e socializar os sujeitos. Porém, não é só na escola que se educa, e, por isso, também o trabalho do docente é complexo.

O aluno que chega à escola traz junto consigo uma bagagem cultural. O ato de educar está recheado com os valores e crenças daquele que o realiza, porém, aquilo que ensinamos aos alunos, não será uma verdade absoluta, por isso, a importância de fazer com que aquilo que julgar correto, gere um significado aos alunos, para que este possa mudar a sua realidade.

A relação que o docente tem com a escola em que atua é muito importante também, e irá influenciar seu modo de agir, já que cada escola é diferente uma da outra, cada uma com suas regras, normas e valores próprios. Pude constatar isso principalmente, ao realizar o último Estágio, no EM, já que a escola tem como regra que o aluno que não vier com roupa adequada não pode participar da aula, e mesmo estando presente, ganha falta. Eu, apesar de não concordar com isso, tive que cumprir as normas da escola. Em meu entendimento, não importa a roupa que o aluno esteja vestindo, o importante é ele querer participar da aula de alguma forma. Outra situação que ocorreu, desta vez no período que realizei o Estágio de Docência

no EF, foi que o professor de EFI da escola tinha prioridade dos espaços que iria dar aula, desta forma, os espaços que restavam eram os que os estagiários poderiam fazer uso.

Kunz (2001), apresenta que no cenário atual da escola, a EFI é um Componente Curricular e está integrada no Projeto Político Pedagógico da Instituição, já que está na escola como manifestação pedagógica de uma área de conhecimento.

Ao me deparar pela primeira vez com alunos para ministrar aulas de EFI escolar, surgiu uma dúvida, entre tantas outras, em como eu poderia tratar os conteúdos para que os alunos tivessem uma aprendizagem significativa.

Enquanto Componente Curricular da Educação Básica, a EFI deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, dando-o condições para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e da dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida, de sua formação integral e da formação de sua cidadania. É necessário que, além de aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, o aluno aprenda a organizar-se socialmente para praticar os jogos, compreenda as regras como um elemento que torna o jogo possível e aprenda a respeitar seus colegas de jogo. Agora, sabendo que existe uma enorme quantidade e diversidade de conteúdos da cultura corporal do movimento, torna-se necessário que o docente escolha quais os conteúdos que irá desenvolver nas aulas de EFI. Esta foi uma das minhas dificuldades ao realizar o Estágio de Docência no EM. Ocorreu que, antes de iniciarmos esse Estágio, temos uma Disciplina obrigatória e pré-requisito para realização deste, a Disciplina de Fundamentos da EFI no EM. Nesta Disciplina eu havia aprendido que tínhamos que conversar com os alunos ao realizar o diagnóstico da turma e perguntar o que eles tinham interesse em trabalhar nas aulas. Porém, ao iniciar o período do Estágio de Docência no EM, o professor da disciplina disse o contrário do que a professora da disciplina de Fundamentos da EFI no EM, ou seja, falou que não tínhamos que perguntar o que os alunos teriam interesse que fosse trabalhado nas aulas. Isso acabou por me deixar um pouco confusa, sem saber o que seria o mais correto a fazer, afinal eram duas opiniões diferentes. Porém, no diagnóstico acabei perguntando às alunas quais conteúdos elas mais gostariam que fosse abordados nas aulas.

Penso ser de extrema importância que o professor faça com que os

conteúdos trabalhados em aula, tenham significado para seus alunos. Já que, se o conteúdo/conhecimento não faz sentido para a vida do aluno, este não vai aprender, ou, pode ter certo desinteresse nas aulas e atividades propostas, escolhendo ficar de fora. Penso que uma das funções atribuídas ao professor é reconhecer, perguntar e escutar seus estudantes para assim, poder intervir, seja mudando atividades, seja mudando atitudes. Escutar não é uma tarefa simples, já que demanda tempo e atenção, e os períodos de EFI, na escola, em sua grande maioria, ocorrem em um tempo curto, e, durante a aula, ocorrem as mais variadas situações com os alunos, dificultando, ainda mais, esta tarefa. Cada aluno é único, e merece determinado tipo de atenção específica.

Segundo Ghilardi (1998), não se concebe mais à Educação Física formar profissionais capazes somente em executar habilidades motoras ou reproduzir movimentos e aulas já programadas e elaboradas, uma vez que, qualquer pessoa com alguma experiência motora mais ou menos desenvolvida ou praticante de uma habilidade esportiva dará conta disso. Desta forma, Ghilardi (1988) afirma que:

Ao contrário, o profissional deve possuir um repertório de conhecimento que o faça compreender o homem em movimento nos variados contextos em que ele se encontra, entendendo suas fases de desenvolvimento, suas necessidades, suas limitações, anseios, não se fundamentando somente na prática pela prática (p. 2).

Não é só fazer a prática pela prática, penso que a EFI na escola deve ser capaz de fazer com que o aluno tenha conhecimento do seu próprio corpo, compreendendo-o para, assim, desenvolver e expressar, a partir dele, vivências culturais e atividades físicas, além de promover qualidade de vida, aprendendo a considerar seus próprios limites e possibilidades. Além de ser qualificado para atuar na área, o professor é responsável por formar cidadãos críticos, indagadores e que sejam capazes de transformar sua realidade.

No próximo capítulo, apresento a metodologia de pesquisa utilizada para construção desse Trabalho.

3 METODOLOGIA

Este Trabalho caracteriza-se como um estudo baseado na pesquisa narrativa e autobiográfica. De acordo com Martinelli (2016), a pesquisa autobiográfica no âmbito da formação de professores tem como objetivo se voltar à maneira como o docente vivencia o processo de formação da sua docência.

Conforme Passeggi, Souza e Vicentini (2011), a escrita autobiográfica confere aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as "experiências referências" pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido.

Assim, este Trabalho consiste de reflexões a partir da narrativa da minha própria prática pedagógica, realizada nos três Estágios Docentes do Curso de Licenciatura em EFI da ESEFID/UFRGS.

A investigação narrativa, por sua vez, trata de uma modalidade de pesquisa que valoriza a exposição dos pensamentos dos indivíduos acerca da sua visão de mundo. Estamos sempre a contar histórias sobre nós a nós próprios, recuperamos uma memória criando uma nova narrativa.

As narrativas presentes neste estudo contêm muito deste esforço de criar e de recriar explicações para as formas de agir e de pensar nos Estágios, imprimindo, assim, a marca do narrador.

Vieira, Santos e Ferreira Neto (2012) afirmam que:

No narrar o mundo cotidiano criado na experiência e recriado na rememoração, buscamos um fazer história que rompa com a linearidade do espaço e tempo, entrelaçando passado, presente e futuro no agora. Desse modo, as narrativas configuram-se como um meio para aproximarmos diferentes tempos e espaços formativos e nos implicam ao comprometimento com os objetivos de cada instância institucional, a partir das relações de parceria e colaboração que se estabelecem entre universidade e escola (p. 120).

Passeggi, Souza e Vicentini (2011), apresenta que os trabalhos baseados nas Histórias de Vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional: as razões da escolha profissional e as especificidades das diferentes fases da carreira docente, por exemplo.

Tendo como foco valorizar as experiências pessoais do professor, através da pesquisa autobiográfica, torna-se possível pesquisar sobre a prática docente. As práticas pedagógicas que deram origem a este estudo ocorreram em três escolas públicas de Educação Básica diferentes. Essas práticas pedagógicas nas escolas foram realizadas a partir dos Estágios de Docência de EFI na EI, Estágio de Docência de EFI no EF e Estágio de Docência de EFI no EM, conforme apresento no quadro a seguir:

	ANO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	ESCOLA	ANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
Estágio de Docência de EFI na EI	Segundo semestre de 2015	Escola de Educação Infantil credenciada a Prefeitura Municipal de Porto Alegre	Maternal II
Estágio de Docência de EFI no EF	Segundo semestre de 2016	Escola Estadual de Educação Básica	Primeiro Ano do EF
Estágio de Docência de EFI no EM	Primeiro semestre de 2017	Colégio Estadual de EM	Primeiro Ano do EM

Este Trabalho começou a ser pensado enquanto eu realizava o segundo Estágio de Docência de EFI no EF. A seguir, apresento os procedimentos para obtenção das informações utilizadas nesta Pesquisa.

3.1 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES

Para obtenção das informações da pesquisa, utilizei como principais procedimentos os registros em diários de campo dos três Estágios realizados e a análise de documentos. A seguir, descreverei os procedimentos utilizados.

3.1.1 Diário de Campo

O Diário de Campo trata de um caderno onde registrei as vivências obtidas a partir de cada aula realizada nos três Estágios de Docência, bem como, anotações que julguei serem importantes sobre as aulas de alguns colegas, às quais observei, e das reuniões com Orientadores do Estágio. De acordo com Silva (2012), o Diário de Campo é entendido como: “[...] registros e anotações pessoais sobre as idas a campo e dos diversos ambientes observados. Por estar extremamente associado às observações, é possível dizer que o diário é a sistematização das observações realizadas no trabalho de campo” (p. 129). Ainda, segundo a autora:

Outra característica desse procedimento para obtenção de informação é seu aspecto descritivo, em que o que vale é descrição em profundidade e esmiuçada do ambiente pesquisado e do que está sendo observado. Faz parte dessa descrição o que o pesquisador considera ser importante para sua pesquisa [...] (SILVA, 2012, p. 129).

A partir disso, entendo que a descrição é uma das características que devem estar presentes na escrita do Diário de Campo. Nestes cadernos não apenas descrevi os momentos vividos em aula, mas, do mesmo modo, minha opinião e sentimentos sobre o que estava sendo observado.

Assim, escrevia sobre as mais diversas situações vividas nos Estágios e, percebi que, ao realizar um Trabalho utilizando a metodologia da pesquisa narrativa autobiográfica, a escrita não ficou “presa” apenas aos Diários, que, provavelmente, só seu autor teria acesso. Portanto, as narrativas e os escritos do Diário foram compreendidos a partir das experiências vividas e, após, refletidas e compartilhadas em uma Pesquisa para os leitores, em um processo de trocas de vivências, emoções e sensações.

A seguir, vou apresentar como se deu a análise dos documentos para complementar o processo de obtenção de informação da pesquisa.

3.1.2 Análise de Documentos

Considerarei como Documentos analisados para esta pesquisa, os elaborados pela escola, os três Diários de Campo, os Planos de Aula e os Planos de Ensino dos Estágios. Assim, analisei os seguintes Documentos:

- a) Projeto Político Pedagógico das escolas de Estágios;
- b) Diários de Campo: em um primeiro momento, foi feita a releitura dos Diários de Campo dos três Estágios de Docência de EFI, para a seleção das cenas/problemas/desafios/aprendizagens de destaque. Em seguida, foi feita uma reflexão sobre esses episódios selecionados e sobre o meu processo de formação docente durante o período dos Estágios;
- c) Planos de Aula: realizei a releitura dos Planos de Aula desenvolvidos durante a disciplina dos Estágios de Docências de EFI, nos semestres de 2015/2, 2016/2 e 207/01;
- d) Planos de Ensino: realizei a releitura dos Planos de Ensino desenvolvidos durante a disciplina dos Estágios de Docências de EFI, nos semestres de 2015/2, 2016/2 e 207/01.

Ao analisar estes Documentos, pude refletir sobre toda minha trajetória vivida na realização dos Estágios de Docência de EFI e construir as categorias de análise deste Trabalho.

A seguir, apresento as análises e as discussões construídas a partir da realização dos Estágios de Docência de EFI da ESEFID da UFRGS. Nesta etapa, procurei apresentar minhas reflexões sobre as aprendizagens construídas e desafios vividos nos Estágios de Docência de EFI em confronto com a revisão de literatura apresentada no início deste Trabalho.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Esta etapa do Trabalho foi organizada em três subcapítulos, a partir da realização dos Estágios. No primeiro, tratarei das aprendizagens construídas e dos desafios vividos no Estágio de Docência de EFI na EI. O segundo, diz respeito às aprendizagens construídas e desafios vividos no Estágio de Docência de EFI no EF. E, no terceiro, apresento as reflexões acerca do Estágio de Docência de EFI no EM.

4.1 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O Estágio de Docência de EFI na EI foi minha primeira experiência docente. Esta etapa foi um marco na minha atuação como estudante, pois fui confrontada com medos, anseios e perspectivas docentes.

Também foi a primeira vez que os alunos da escola, para a qual fomos designados, tiveram experiência com aulas de EFI. Até então, esta escola procurava estagiários voluntários da área de EFI para trabalhar e, em todas as tentativas, não obtiveram sucesso.

A Instituição que realizei este primeiro Estágio teve início com cunho filantrópico e foi formada, inicialmente, para dar aporte aos alunos filhos de funcionários que atuavam no local. Com o tempo, os moradores da região, passaram a se interessar por vagas também. Sendo assim, a escola atuava com um público infantil bem heterogêneo. Atualmente, a escola é credenciada a Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

A escola, atualmente, possui dez turmas de EI, sendo seis Maternais e quatro Jardins. Eu dava aula para a turma do Maternal 2D, composta por oito crianças, com idade entre três e quatro anos. Ocorria que, na época que realizei o Estágio, em determinado momento da manhã, tinha mais de três turmas tendo aula de EFI no mesmo horário. Então, nós, estagiários, precisávamos sempre nos organizar com antecedência, combinando qual espaço e quais materiais cada um iria utilizar.

Na primeira aula que realizei, estava muito nervosa e ansiosa, tomada por dúvidas e anseios. Lembro que havia elaborado algumas rodas cantadas, pois havia aprendido muitas no Curso de Graduação em EFI, na disciplina de Fundamentos da EFI na EI, e que, essas rodas eram muito importantes para o desenvolvimento das

crianças, que gostavam muito. Só que ocorreu que as crianças ficaram muito caladas nessa primeira aula. Acabei insistindo com as atividades de rodas cantadas ainda por mais algumas aulas, até que a professora regente da turma me disse que elas não gostavam de cantar. Em, contrapartida, correr era a atividade que as crianças mais gostavam de fazer, independente do ambiente em que a aula de EFI fosse realizada, percebi, então, que seria muito importante iniciar as aulas com alguma atividade agitada:

A Professora da turma deu algumas dicas, uma delas é que a turma não gosta de cantar. Falou que se eu tivesse 3 anos e visse um monte de brinquedos, também sairia correndo para brincar. Ela disse também que eu era muito exigente comigo mesma, e que as aulas estavam dando certo (DIÁRIO DE CAMPO, 02/09/2015).

Penso que uma das maiores aprendizagens construídas, no caso dos professores estagiários, é como aprender a ensinar. Na EFI, assim como em outros Componentes Curriculares, não existe uma única forma de pensar e implementar a disciplina na escola.

Lembro-me que ao iniciar este primeiro Estágio, procurei realizar um planejamento flexível, dinâmico e organizado, porque planejar não é algo pronto e sim, modifica-se conforme a realidade e a situação e, a necessidade de cada aula. Penso que o planejamento das aulas é muito importante, pois demonstra interesse e preocupação. Pode-se adaptar a aula, modificá-la conforme a necessidade, o que não se deve fazer é o improvisado, não planejar uma aula, simplesmente improvisá-la, pois a chance de dar errado é grande. De acordo com Kieling Neto (2016), planejar não está somente no ato de elaborar um Plano de Ensino e um Plano de cada aula, mas é uma ação que ocorre constantemente durante a prática pedagógica.

Fui percebendo “minhas aprendizagens” no desenvolvimento da prática pedagógica, e que estas foram sendo enriquecidas com a experiência. Meu planejamento de aula foi ficando cada vez mais organizado. “Após fiz a atividade do espelho. Foi muito difícil organizar a turma e a atividade não deu certo. Errei na escolha da atividade, muito complexa pra crianças de apenas três anos de idade” (DIÁRIO DE CAMPO, 16/09/2015). Após refletir sobre o Estágio na EI, vi que, por algumas vezes, eu hiperestimava o potencial das crianças, pois, mesmo sabendo que determinada atividade era complexa demais para aquela idade, eu tentava fazê-la na aula.

Nas últimas aulas do Estágio de Docência da EI, a cada troca de atividade com a turma procurava reunir todas as crianças sentadas para explicar como seria a próxima atividade. Isso eu não fazia no início do Estágio, pois era muito ansiosa e não tinha muito paciência. Nas últimas semanas, também passei a frisar as regras diversas vezes antes de descer com a turma para o pátio e explicar as atividades que seriam feitas. As aulas se tornaram bem mais organizadas e saíram do jeito que eu havia planejado.

Outra grande aprendizagem que tive com a realização deste Estágio foi na hora do encerramento da aula. Inicialmente, eu simplesmente encerrava a aula falando “tchau” e dizendo que a aula havia acabado. No decorrer do Estágio, vi que essa maneira de encerrar a aula não era a mais apropriada, ainda mais se tratando de crianças tão pequenas. Após um tempo, passei a reuni-los todos sentados e perguntava sobre o que haviam mais gostado da aula de EFI, se não gostaram de alguma coisa, perguntava quais atividades tinham sido realizadas nas aulas, ou seja, conversava um pouco com as crianças e, a partir da conversa final, me despedia e encerrava a aula. Desta maneira, as crianças da turma eram estimuladas a relembrem o que realizaram na aula, desenvolvendo, assim, sua memória e fala. Além disso, essa conversa final com as crianças possibilitou que expressassem seus sentimentos em relação ao que ocorreu na aula do dia.

No final do Estágio eu havia aprendido a, de certo modo, prever quais atividades teriam mais chance de dar certo e quais tinham maiores chances de ser mais desafiadoras. Penso que, ainda, isso se alia ao fato de conhecer melhor a turma, já ter realizado o diagnóstico desta, que trata de uma etapa muito importante antes de iniciar as aulas do Estágio. Porém, aprendi, também, que trabalhar com a EI é trabalhar com a imprevisibilidade, pois atividades que deram certo em um dia, podiam não funcionar na aula seguinte (MORAES, 2016). Então, o professor deve ter sempre estratégias e atividades extras para que os objetivos da aula sejam alcançados.

Na realização desse primeiro Estágio algumas dúvidas me acompanhavam, por exemplo: de que maneira falar com as crianças? Quais atividades eu deveria realizar e de que forma? Será que as crianças me entenderiam? Atualmente, após refletir sobre essa experiência, entendo que deveria ter falado mais com as crianças utilizando uma linguagem lúdica, pois aprendi que, por algumas vezes, elas não entendiam o que eu estava falando. Teve uma aula em que eu estava tentando

realizar um pequeno alongamento com os alunos, mas as palavras que eu estava utilizando não permitia que elas entendessem o que tinham que fazer. Na hora de explicar as atividades de forma lúdica, as palavras não me vinham à cabeça. Lembro-me que quando a Monitora do Estágio observou uma aula minha, no final desta, eu queria realizar um alongamento, só que as crianças não entendiam. Ela falou que elas não sabiam o que era isso, e disse para falar como se fossem uma plantinha que iria crescendo. Nesse momento, me dei conta, da importância que tem “um olhar externo” à aula, ou seja, quando pessoas de “fora” te falam coisas, aí parece que começamos a nos dar conta de alguns elementos. Eu havia utilizado, sem me dar conta, a palavra “alongamento”, e elas não faziam ideia do que significava. Acredito que isso acontecia pela minha falta de experiência com crianças dessa faixa etária e, também, por nervosismo, porque eu sabia que elas não sabiam o significado da palavra.

De acordo com Braga (2016):

Um elemento de suma importância que é possível destacar para trabalhar com crianças dessa faixa etária é a ludicidade, que acredito ser um facilitador para despertar o interesse da criança em participar das aulas de EFI. A criança, em especial, vive a ludicidade de modo muito presente em seu desenvolvimento, pois têm a capacidade de imaginar e criar situações que, para nós adultos, são, de certo modo, irrealis, mas que no universo infantil, são possíveis, vividas e inventadas. A partir disso, entendo a ludicidade uma forma do professor compreender o mundo infantil e, assim, criar uma relação de proximidade da criança com a atividade que está sendo desenvolvida (p. 22).

Sobre os desafios vividos neste Estágio, destaco que, foi relacionar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Graduação em EFI com as práticas pedagógicas nas escolas. Percebi que, na prática, nem tudo que aprendi nas aulas da Universidade funcionava, não havendo uma “receita de bolo”. Percebi que eu ficava boa parte do tempo chamando atenção das crianças, pois elas se dispersavam muito facilmente. Eu tinha dificuldade em me comunicar com elas de uma maneira que me entendessem. Utilizei pouco a linguagem lúdica e não me dava conta de que a única preocupação delas era realizar as atividades propostas da maneira mais divertida o possível, e não da maneira correta ou da maneira que eu desejava.

A comunicação com a turma foi inicialmente mais difícil, pois todas as crianças queriam me contar muitas coisas sobre suas vidas, mas, muitas vezes, eu

não conseguia entender muito bem o que elas estavam falando, pois muitas, ainda estavam na fase de aquisição da linguagem.

Para mim, a parte da comunicação com crianças tão pequenas foi algo desafiador, pois eu não sabia se elas estavam me entendendo realmente na hora da explicação das orientações e atividades, ou se não estavam me ouvindo por algum outro motivo. Porém, aprendi que nessa idade as explicações devem ser as mais curtas possíveis, de forma bem simples e lúdica.

Outro ponto significativo do Estágio foi o fato de que a turma gostava muito de correr. E, um dos desafios era fazer com que as crianças me ouvissem e não saíssem correndo para todos os lados, em especial nos brinquedos, quando a aula era no pátio. Isto eu havia constatado logo nas minhas primeiras observações da turma, que para as crianças, EFI era sinônimo de brincadeira e de utilização de brinquedos. Uma maneira que eu encontrei, e acho que deu certo, foi elaborar justamente atividades que envolviam a habilidade de corrida com alguns desafios variados da brincadeira de “pega-pega”.

Por fim, outro desafio que tive foi a questão de ser observada e avaliada ao mesmo tempo em que dava a aula, isso me deixava sempre muito nervosa, principalmente quando era a professora orientadora de Estágio. Enfim, ser observada foi um desafio para mim, eu ficava muito tensa e nervosa, porém nas últimas aulas tentei “focar” na turma e esquecer que tinha alguém me observando. O Trabalho de Martiny, Souza e Silva (2013), apresenta exatamente isto, o fato de os futuros-professores estarem sendo avaliados e observados constantemente por seus supervisores do Estágio, os deixa muito incomodados, possivelmente, devido a estarem sendo avaliados em seus Planos de Aula, como também, na realização de suas aulas propriamente ditas. Porém, eu sei que era muito importante essa observação, pelo fato de, nas reuniões de Estágio, que aconteciam no final da manhã, recebermos orientações de como fazer para melhorar a aula. Aliás, as reuniões me ajudaram muito, até mesmo para ouvir sobre as outras aulas, pois eu acabava sempre gostando de alguma atividade que não havia pensado ainda para fazer com a turma, por exemplo.

No próximo capítulo, tratarei das aprendizagens construídas e dos desafios vividos no Estágio de Docência de EFI no EF.

4.2 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para esse Estágio, fomos designados à uma Escola Estadual, da cidade de Porto Alegre. A escola atende alunos oriundos de vários bairros da cidade, contando com um corpo discente em torno de 1387 alunos. A Escola atende, em um mesmo turno, diferentes níveis e modalidades de ensino; no período diurno trabalha com EI, EF e EM; já no período noturno, atende ao EM e ao EM na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Foram realizadas três observações na escola antes de começarmos a ministrar as aulas. Na primeira, além de termos contato com a turma, conhecemos um pouco da realidade da escola, sendo nos apresentado os espaços e os materiais que poderíamos utilizar em nossas aulas. Estes eram bem escassos, havia alguns cones, bambolês e colchonetes, nenhuma bola de basquete, em torno de quatro bolas de vôlei, três de handebol e duas de futebol. Isto no início do Estágio, pois no decorrer deste, ocorreram alguns problemas com os materiais. A professora orientadora do Estágio havia falado para não deixarmos os materiais sozinhos sem ninguém tomando conta, porém, isto acabou acontecendo, e boa parte do material desapareceu. A partir daí, não havia muitas condições de realizar as aulas, já que ocorriam duas aulas no mesmo horário e o material que já era escasso, ficou ainda mais. Assim, combinamos que cada estagiário faria uma doação de materiais para a escola. Foram doadas em torno de cinco bolas de basquete, várias bolas de futebol e algumas de vôlei, todas “carimbadas” com o símbolo da UFRGS, para que não fossem “perdidas” novamente.

Com relação aos espaços físicos para realiar as aulas, a escola apresenta em sua área externa, três quadras grandes e não cobertas e um espaço menor com pilares e coberto. Uma das quadras, os estagiários não podem utilizar, já que os alunos do professor de EFI da escola a ocupavam com o chamado “largobol”. Possuía, também, uma pracinha com alguns brinquedos. Como opção para os dias de chuva, poderíamos utilizar o espaço dos pilares ou a sala de aula. Quando a professora de dança da escola não ocupava a sala que ficavam guardados os materiais, podíamos utilizar esse espaço também, que era bem pequeno.

Diferentemente do primeiro Estágio, agora o Plano de Ensino seria entregue para orientadora somente no final do Estágio, após o encerramento das aulas. Com

relação aos Planos de Aula, não houve mudanças, sendo entregues para orientadora semanalmente. As aulas de EFI ocorriam duas vezes por semana, nas terças e quintas-feiras, no período da tarde.

Antes mesmo de iniciar o Estágio de Docência de EFI no EF, eu já pensava que seria um período muito difícil e custoso, o qual eu não iria gostar e que as dificuldades seriam muito maiores, em comparação as vivenciadas no Estágio de EFI na EI, por pensar que seria mais difícil de dar aula para alunos do EF. Eu iniciei o Estágio com esse pensamento, talvez pelo fato de eu não ter tido uma experiência agradável no meu primeiro Estágio. Digo isto, porque iniciei o Estágio de EI falando que eu não pretendia trabalhar de maneira alguma no ambiente escolar, já que achava que não gostava de escola. E, de fato, após o término do meu primeiro Estágio, eu ainda não havia mudado de opinião.

Diferentemente do primeiro Estágio, neste fomos organizados em duplas para dar as aulas de EFI em cada turma. Quando soube, fiquei aliviada e feliz, pois precisaria dar somente uma aula por semana, que seria nas terças ou nas quintas-feiras. Eu e minha dupla iríamos dar aula para a turma do primeiro ano do EF. Em um primeiro momento da observação nos apresentamos para turma e falamos nossos nomes e o que trabalharíamos, mas, antes, problematizei com eles se sabiam o que eu faria. Todos, muito entusiasmados, responderam que sabiam, mas, não quis obter muito tempo da aula, pois era para apenas observar a turma para, a partir disso, fazer um diagnóstico desta. Deparamos-nos com uma turma de 21 alunos com uma faixa etária de seis a sete anos, extremamente agitados, que não ouviam a professora regente e isso me assustou, e muito. Tínhamos observado os alunos que deveríamos ter um cuidado maior, pois percebemos que não se comportavam muito nas aulas. A cena de um aluno cortando o cabelo da coleguinha que estava sentada à sua frente me deixou apavorada.

Sugeri para minha dupla que ela desse a primeira aula, já que eu pré-julgava que ela tinha mais experiência do que eu, isso por insegurança minha. Eu já conhecia essa colega, pois havíamos feito o Estágio de Docência de EFI na EI na mesma escola. Ela passou praticamente a primeira aula inteira com a turma sentada, explicando as regras. Nossa professora orientadora de Estágio logo disse que a turma ficou muito parada, e que as regras poderiam ter sido combinadas no período da observação da turma. Também foi nos falado que não poderiam conter nos Planos de Aula, aulas teóricas, pois a professora orientadora do Estágio

defendia aulas com movimento que trabalhassem as manifestações da cultura corporal do movimento humano. Neste caso, aula teórica seria aquela aula em que os alunos ficassem sentados o período inteiro ouvindo a professora falar. Eu, sinceramente, nem tinha pensado em dar uma aula deste tipo.

Quando chegou meu dia de dar minha primeira aula, antes do horário da aula, eu já havia preparado todas as estações do circuito que eu iria trabalhar com os alunos, deixando todos os materiais que eu utilizaria em aula organizados. Também havia deixado pronto vários desenhos pela quadra e pela parede. Lembro que na hora da aula estava bem preocupada, pois eram 21 alunos, extremamente agitados e que brigavam entre si quase que o tempo inteiro. A quadra era grande e eu não tinha apito, e, mesmo gritando muito, as crianças não me ouviam. Nesta primeira aula eu trabalhei com um circuito formado por cinco estações de esportes, sendo elas handebol, vôlei, basquete, futebol e ginástica. Na hora da troca de estações me atrapalhei bastante, pois como os alunos não conseguiam me ouvir se eu falasse para todos ao mesmo tempo, avisava grupo por grupo que era para trocar de estação. Porém, quando um grupo saía correndo para fazer a troca, todos os outros acabavam se misturando e gerou muita confusão. Pedi ajuda desesperada para minha dupla, mas ela disse que não poderia ajudar, visto que a aula era minha. Apesar do sufoco, todos os alunos fizeram as atividades do circuito e em nenhum momento saíram da minha aula. No caminho para casa eu pensava: e agora? Vou ter que dar aula toda terça-feira. O que farei?

Antes de levar os alunos até o local da aula (pátio) pedi para que não corressem, nem pegassem os materiais antes da explicação. Quando cheguei ao local, foi muito difícil, pois os alunos queriam fazer as atividades antes mesmo de eu explicar. Estavam muito entusiasmados, então, foi difícil de reunir todos eles. Após conseguir juntar todos eles no meio da quadra para explicar as atividades, fiz a divisão dos grupos (quartetos). Essa hora tive muita dificuldade, não sabia o nome deles e estavam muito agitados. Então fui “pegando” quem aparecia na minha frente, juntava eles em quartetos e os direcionava para as estações. Foi o momento que mais tive dificuldade e o apoio disse que não podia ajudar (DIÁRIO DE CAMPO, 08/2016).

De acordo com o estudo de Martiny, Souza e Silva (2013), não se pode considerar o medo da disciplina como algo ruim, já que esse sentimento é uma emoção básica e, dependendo da sua intensidade, pode atuar de forma positiva sobre o desempenho intelectual dos acadêmicos. Segundo o autor: “O medo pode

vir a oferecer possibilidades ao produzir desafios, sem os quais não haveria progresso da inteligência” (p. 57).

A necessidade de produção de desafios evidencia às dificuldades da docência. Em sua pesquisa, Martiny, Souza e Silva (2013) observaram que o medo ocorre devido à pouca experiência na docência, mas mais especificamente, com o fato de os futuros-professores depararem com a hipótese de assumir uma turma de crianças em uma determinada escola. Eu concordo com o autor, e isso ficou muito mais evidente quando minha dupla de Estágio, após dar sua primeira aula, abandonou o Estágio, e, assim, eu teria que dar todas as aulas de EFI sozinha.

No início, essa experiência de assumir uma turma sozinha foi difícil, mas, nos dois últimos meses de Estágio, entre outubro e novembro de 2016, eu comecei a notar que algo diferente estava acontecendo, eu estava começando a gostar de dar aula de EFI. Mesmo a aula, às vezes, não acontecendo exatamente da forma que eu imaginava, eu estava gostando, e este sentimento eu nunca tinha tido até então. O Estágio ocorria todas terças e quintas-feiras de tarde, inicialmente eu não me sentia a vontade nesses dois dias e torcia para que acabassem logo. Porém, em meados de outubro, fui percebendo que queria realizar as aulas de EFI, pois eu planejava as atividades pensando em cada um dos alunos e ia para a escola querendo aprender mais e fazendo de tudo para que a aula desse certo. Primeiramente, eu tinha o pensamento de estar na escola simplesmente por “obrigação de cumprir a tarefa da disciplina”, não me importando muito em fazer o melhor, querendo apenas cumpri-la. Com o passar do tempo, fui percebendo que essas ações começaram a mudar. Sentia-me muito mais segura na hora da minha aula, com muito mais domínio sobre a turma, que, destaque, não havia mudado muito, pois continuava extremamente agitada, porém, estavam me respeitando mais e fazendo o que eu pedia para ser realizado, fato que não acontecia no início.

Uma coisa que me chamava atenção no início deste Estágio foi que os alunos tinham um carinho muito especial pelos professores de EFI, de uma forma geral. Às vezes, eu passava a aula inteira tendo que chamar a atenção de um mesmo aluno de uma forma mais rígida, e esse mesmo aluno, estava sempre querendo me abraçar, demonstrando carência de carinho e de afeto e, não de mais regras e censuras. A EFI é um dos momentos em que a relação professor-aluno é diferenciada e desafiadora, pois trata de um período que alunos e professor estão mais expostos e abertos para o diálogo e a intimidade, pois, é a partir desses

momentos que podemos perceber o aluno para além do que manifesta na sala de aula, procurando compreender os motivos que o levam a determinados comportamentos, atitudes e manifestações (D'AVILA, 2016). De acordo com Tardif (2007), uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo e emocional. Dessa forma, a afetividade acaba contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem da docência.

Sobre as aprendizagens construídas nesse segundo Estágio, destaco que, no período de observação da turma, logo pensei: “esse aluno vai ser impossível”, pois era uma criança muito bagunceira, o vi até cortando o cabelo de sua coleguinha que estava sentada uma classe a frente da sua. Porém, ao dar minha primeira aula, observei que ele era o aluno com as habilidades motoras fundamentais mais desenvolvidas. Destacava-se muito entre os demais. Vamos dizer que tentei “trazer ele para meu lado”, pois falava para ele que seria meu ajudante. Assim, por muitas vezes, na hora das demonstrações das atividades, ele me ajudava. Esse aluno também sempre me ajudava a guardar o material. Ao verem isso, seus colegas passaram sempre a pedir pra ajudar na hora de eu demonstrar a atividade e na hora de eu guardar o material.

Conversar com os alunos e saber, nem que seja um pouquinho das características de cada um, é muito importante. Por isso, as observações da turma antes de iniciarmos as aulas, são tão relevantes. Ressalto que, na época, eu não dei tanta atenção para esse período, mas, hoje, sei da sua importância. Penso que nesses momentos iniciais, o vínculo professor-aluno está sendo constituído e os alunos querem um pouco de atenção, muitas vezes, demonstrando que carecem de carinho. Nessas primeiras observações, eu tentava sempre conversar com eles na hora de levá-los até o pátio e isso ajudou bastante nas aulas de EFI subsequentes. Penso que criar um vínculo com os alunos é muito importante, eu diria fundamental para que os processos de ensino-aprendizagem cumpram seus objetivos. Eu tentava evitar ao máximo ser rude na maneira com que me comunicava com os alunos, não os menosprezava quando erravam, pelo contrário, os ajudava no que precisavam, e sempre procurava elogiar os alunos em seus acertos e aprendizados. Deste modo, cada vez mais, os estudantes falavam expressando seus anseios, seus desejos, seus pensamentos e suas alegrias.

Para Kieling Neto (2016), pensar na prática pedagógica é pensar em uma relação entre os estudantes e o professor. Criar um vínculo com os estudantes é

muito importante. Para que essa relação se estabeleça, é necessário algum tempo, ela não se estabelece desde o começo da intervenção. Os alunos tem consciência de que o professor é aquele que estará junto a eles em suas aulas.

Já, os desafios enfrentados nesse Estágio, tratam do fato de a turma ser muito agitada e com muitas brigas entre si. Na etapa inicial do Estágio, a impressão que eu tinha é que passavam a aula inteira brigando. Após, isso já não acontecia com tanta frequência. Relato de uma das primeiras aulas:

Para mim, essa aula foi uma guerra, virava para um lado, um estava tacando a bola no rosto do outro, virava para o outro, estavam puxando o cabelo do outro, virava para o outro, estavam se chutando. No final da aula, a profe disse que a aula havia acontecido bem e que é normal conflitos entre as crianças (DIÁRIO DE CAMPO, 09/2016).

Percebi que a turma era extremamente competitiva, e, a partir disso, passei a trabalhar com gincanas. Nessas atividades, os alunos mais “brigentos” deram espaço para alunos mais compenetrados nas atividades. Passei a permitir também, que eles formassem suas equipes, trabalhando, assim, com aqueles que tinham maior afinidades. A partir daí, melhorou bastante as aulas, pois como estavam trabalhando em equipes, as brigas diminuíram quase que por completo, e deram lugar ao incentivo, a dedicação e a concentração. Os alunos se incentivavam uns com os outros, torciam por sua equipe, se dedicavam e se concentravam para realizar as atividades propostas. As aulas ficaram muito mais organizadas também, pois foi criada uma rotina de aula e os alunos passaram a compreendê-la e respeitá-la.

Outro grande desafio enfrentado neste segundo Estágio foi a carência de materiais disponíveis para dar as aulas de EFI, ainda mais por se tratar de uma turma do primeiro ano, etapa que julgo que as crianças gostam muito de explorar os objetos. Acabava que eu não podia ser muito criativa na hora de elaborar as aulas e vivi na pele o desafio de dar aula para uma turma com 21 alunos, tendo que trabalhar com 2 ou 3 bolas. Via que, por muitas vezes, ocorriam brigas entre os alunos para ver quem segurava a bola, por exemplo.

Na etapa inicial do Estágio, também tive dificuldade relacionada ao tom da minha voz. Para mim, eu literalmente gritava a aula inteira, achava que meu tom de voz era alto, apesar de minha orientadora dizer que não era tão alto assim.

Diferentemente do Ensino Infantil, neste fui defrontada com muitos alunos que

falavam palavrões muito pesados, apesar da pouquíssima idade (6 anos). Eu ficava indignada quando ouvia, os alunos me contando o que cada um falou para o outro, e eu, algumas vezes, não sabia o que dizer, ficava sem palavras, pensava que elas eram crianças de 6 anos de idade e já tinham, de certo modo, aprendido essas linguagens mais agressivas e ofensivas. Intervir em situações como esta, que ocorriam em praticamente todas as aulas, foi um desafio para mim. Aliado a isso, percebi que boa parte dos alunos não sabiam demonstrar seus sentimentos, pensamentos e emoções de outra maneira, que não fosse através de ofensas e xingamentos. Para mim, professor não ajuda somente na construção de conhecimento, mas também ajuda a relacionar-se melhor entre si e melhorar o ambiente. Trata-se da função socializadora da escola, já mencionada neste Trabalho anteriormente. E saber como lidar com isso, foi um desafio para mim.

Teve uma situação, logo no início das minhas aulas de EFI, que eu estava muito nervosa, pois os alunos não me ouviam e estavam dando atenção para um colega que estava segurando uma lesma na mão. Eu falei de forma rígida para ele largar a lesma no chão e pisei em cima dela. Os colegas desse menino nem deram bola e foram fazer a atividade proposta em aula, mas ele começou a chorar, gritando que eu era a “pior professora do mundo”. Senti-me muito mal, porque não imaginava que ele gostava tanto de lesma. Após o ocorrido, a orientadora de Estágio me contou que ele criava sapos e lesmas em casa. Naquele momento me dei conta de meu ato, de certo modo, agressivo, e fui conversar e me desculpar com ele. Falei que não iria mais acontecer aquilo, que estava nervosa no momento e que eu tinha uma criação desses bichinhos também. Ele aceitou minhas desculpas e falou um pouco sobre os sapos e lesmas que cuidava em sua casa.

Destaco que na etapa inicial das observações, eu apenas havia notado que este menino era um dos mais “bagunceiros”. Mas, na aula de EFI, demonstrava um comportamento mais agressivo, falava muitos palavrões para seus colegas e, na maioria das aulas, sempre pegava pedaços de pau para ficar interagindo, não dando atenção para a aula. Em uma das aulas, ele inclusive saiu de onde a turma estava e começou a atirar o pedaço de pau nos outros alunos que estavam no pátio. Eu soube, somente no final do Estágio, que ele estava indo na psicóloga, e passei a agir de modo diferente com ele, pois até aquele momento, somente chamar sua atenção, com tom de voz mais alto ou dizer que iria para direção, não estava adiantando. Passei a elogiá-lo quando via qualquer atitude que fosse boa e comecei

a conversar mais com ele de uma forma tranquila. Quando via que ele ia fazer algo que não deveria, já falava para ele não fazer, que aquilo não seria legal, mas utilizando um tom de voz mais baixo e bem tranquilo. Isso nem sempre adiantava, a própria orientadora do Estágio disse que ele era uma criança desafiadora, mas notei uma pequena melhora do aluno no final do Estágio, já que ele, por algumas vezes, passou a participar mais das atividades e fazer o que eu solicitava. No último dia em que dei aula, a professora orientadora do Estágio observou o início da minha aula e logo depois foi ver a de outra colega. Após o término da aula, ela disse que estava impressionada com a quantidade de palavras agressivas que ouviu do menino, pois ela estava próxima dele e pode ouvir que ele passou a aula inteira falando palavrões para seus colegas, não conseguindo se manifestar de outra maneira. Falei para ela que em todas as aulas ele havia se comportado dessa maneira, e falava na minha frente mesmo, sendo que, muitas vezes, eu não conseguia ouvi-lo, pois eram 21 crianças falando ao mesmo tempo. Soube neste meu último dia de aula, pela professora de sua turma, que ele aprendia essas palavras ouvindo seu pai em casa. Por isso, é sempre muito importante considerar a cultura e o contexto social em que os estudantes estão inseridos. Muitas vezes, iremos nos deparar com estudantes que estão na mesma faixa etária, mas com vivências totalmente diferentes e isso irá refletir no trato com eles.

4.3 AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS E OS DESAFIOS VIVIDOS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Para esse Estágio, fomos designados a um Colégio Estadual de EM, situado na cidade de Porto Alegre, que atende alunos oriundos de vários bairros da cidade e arredores.

Para a EFI, o EM apresenta uma situação peculiar dentro da escola. Durante esta etapa de ensino, os alunos passam a não ser mais crianças e se tornam adolescentes. Junto com essas mudanças, vem também a cobrança de pais e professores para a escolha da carreira, fazendo com que o vestibular seja um fator que direciona a escola ao que ensinar aos seus alunos, privilegiando outros Componentes Curriculares e “deixando de lado” a EFI, já que esta ainda não faz parte da maioria dos vestibulares em nosso país.

Na primeira reunião, o professor supervisor do Estágio relatou que seria necessária a distribuição dos estagiários em duplas e até mesmo em trios, já que o número de estagiários era muito maior que o número de turmas. Éramos quase em trinta. Deste modo, eu realizei meu Estágio de Docência no EM junto com outras duas colegas.

O segundo encontro da disciplina já se deu na escola em que iríamos realizar o Estágio. Nesse dia conhecemos um pouco da realidade da escola, sendo nos apresentado os espaços e os materiais que poderíamos utilizar em nossas aulas.

Com relação aos espaços físicos para realizar as aulas, a escola apresenta em sua área externa, uma quadra grande não coberta, um ginásio com uma quadra grande e uma salinha pequena. Também podíamos fazer uso da sala de informática e da sala de mídias.

Diferentemente do que ocorreu nos outros Estágios, foi realizada somente uma observação da turma que iríamos ministrar as aulas. Nesta escola, as aulas de EFI eram separadas por gênero: “As aulas eram separadas por gênero. Em minha opinião, isso só reforça o preconceito, pois se as nossas inter-relações não são separadas por gênero, porque a EFI deve ser?” (DIÁRIO DE CAMPO, 04/2017). Discutimos essa questão com as meninas da turma, e, praticamente, todas falaram que gostariam que as aulas fossem mistas.

Nós que escolhemos a turma, Primeiro Ano do EM de meninas. Eram duas turmas de Primeiro Ano que se juntavam na hora da aula de EFI, total de 37 meninas na chamada. As aulas de EFI ocorriam uma vez por semana, nas segundas-feiras, sendo dois períodos juntos. Nas quartas-feiras, semana sim, semana não, aconteciam as reuniões com o professor supervisor do Estágio. A presença do professor supervisor na realização dos meus Estágios foi sempre de grande valia para mim, já que foram eles que me orientaram a agir como professora nas mais diversas situações.

Além disso, tínhamos que observar toda semana a aula de alguma outra dupla ou trio. Para mim, tanto os momentos em que observei a aula de outros colegas, quanto os momentos em que atuei de forma prática, foram alicerces na minha construção como professora de EFI. Isso na realização dos três Estágios.

Para Azolini (2012): “Se ao lecionar aula, tinha que me preparar, conhecer a turma e planejar as atividades, ao assistir as aulas dos colegas de estágio, conseguia ver situações e comportamentos diferentes aos que corriqueiramente

aconteciam comigo” (p. 38).

Aconteceu de eu ver também que situações que eu imaginava acontecer só na nossa aula, ocorriam nas dos colegas também.

Eu e as duas colegas de Estágio dávamos as aulas de EFI sempre todas juntas, não ocorrendo divisão de uma semana para cada uma. Deste modo, esse Estágio foi muito diferente dos outros, já que, anteriormente, eu dava as aulas sozinha. O fato de estarmos em três para darmos a aula trouxe, em um primeiro momento, uma sensação de alívio em mim. Porém, essa sensação esteve presente só no momento anterior a realização das aulas, pois vi que, fazer o Estágio em trios era muito desafiador. Isto porque cada uma tinha sua própria maneira de trabalhar com as alunas, tendo, por vezes, opiniões diferentes do que e de como ensinar. Além disso, não conseguíamos nos encontrar para elaborar juntas os Planos de Aula e o Plano de Ensino.

Bem, na nossa primeira aula, fizemos uma roda de conversa para nós conhecermos um pouco mais das alunas e, também, para elas se conhecerem, já que eram duas turmas de primeiro ano. Pedimos para que elas se apresentassem, dizendo seus nomes, de qual colégio estavam vindo, se faziam, fora da escola, alguma atividade física ou esporte que gostavam e se tinham algum conteúdo em especial que queriam muito que fosse desenvolvido nas nossas aulas de EFI. Eu fiquei muito surpresa com as respostas, pois grande parte das alunas respondeu que sua atividade preferida, quando não estavam dentro da escola, era dormir. Em relação à vontade de que algum conteúdo fosse trabalhado, a grande maioria manifestou querer que a dança e o futsal estivessem presentes.

Tendo em vista que o tempo de prática disponibilizado aos alunos é um dos fatores que influenciam a aprendizagem efetiva, o professor supervisor orientador do Estágio nos recomendou que não trabalhássemos com mais de duas unidades didáticas. Nosso Plano de Ensino foi composto por duas unidades, voleibol e dança.

Mesmo existindo uma vasta quantidade e diversidade de conteúdos da cultura corporal do movimento eu tive a impressão muito forte, na realização deste Estágio, de que dialogar com as alunas através de uma interação com afetividade, tinha uma importância equivalente, ou, até mesmo maior que os conteúdos que eu desenvolveria. Digo isto, pois vi que o diálogo construído a partir da interação professor-aluno conseguia afetar cada aluna individualmente e, a partir daí, elas se expressavam mais, colocando seus sentimentos e visões para fora. E, assim, não só

elas aprendiam com nós, mas, nós, também aprendíamos com as alunas e com a realidade de cada uma delas.

De acordo com Gasparetto (2014): “Espera-se que, ao final do Ensino Médio, o aluno tenha autonomia de saber por quê, para quê e como realizar suas atividades físicas, se assim desejarem, sem a necessidade de acompanhamento de um profissional” (p. 14).

Neste Estágio do EM, nós tentávamos sempre manter com as alunas um diálogo crítico para com a mídia, trazendo-a para a reflexão dentro do contexto escolar.

Eu pude observar neste Estágio, que nas turmas de meninas, foram as que ocorreram um maior número de abstenção para a parte prática das aulas de EFI. Boa parte delas falavam que prefeririam realizar trabalhos teóricos ou relatórios da aula para ganhar a presença do que participar efetivamente das atividades. Ou, então, simplesmente não compareciam. Neste Estágio, eu realmente pude ver que a EFI, apesar de bem aceita pelos alunos, carece de uma maior seriedade no desenvolvimento de sua caminhada dentro da escola. Boa parte das alunas tinha o pensamento de que EFI é a disciplina que não reprova. Assim, muitas acabavam extrapolando suas faltas.

Durante o percurso desse Estágio de Docência, me chamou muito atenção a quantidade de alunos que não levavam roupa adequada para a prática. Para mim, não importava a roupa que estivesse usando, o importante era participar. Mas, para a Escola, o aluno que fosse de calça jeans, por exemplo, não poderia fazer a aula e, mesmo estando presente, deveria ganhar falta. Todos os alunos tinham conhecimento dessa regra, e, alguns, já vinham com a roupa inadequada na intenção de não fazer a aula.

Saber quais estratégias utilizar frente a esta não participação, foi uma grande dificuldade vivida neste Estágio: “Hoje fiquei muito espantada com a quantidade de meninas em aula, a maioria faltou. Tinha sol, e as que estavam na aula reclamavam que não queriam suar” (DIÁRIO DE CAMPO, 04/2017).

Quando perguntamos o que levava as meninas a não fazer a aula de EFI, tivemos como resposta, da grande maioria, que não queriam suar. Algumas trabalhavam no período da tarde, após a escola, e traziam atestado para poder não participar das aulas, alegando que não podiam suar. No EM, a EFI é facultativa para os alunos que trabalham.

Acredito que os significados que cada aluna confere a esta aula de EFI influem na participação destas. Algumas enxergavam as aulas de EFI como um momento em que podiam socializar com as demais colegas, já, outras, viam nas aulas uma oportunidade de melhorar sua aptidão física e motora e, ainda, um “palco” onde seus erros estavam em evidência. Porém, para a maioria delas, uma aula de onde saiam suadas e desarrumadas.

Outra dificuldade, foi relacionada à questão da violência, que esteve muito presente nesta escola no período em que eu realizei o Estágio, chegando a ocorrer brigas com barras de ferro, e, até casos de facada. Isso me apavorou, pois até então eu sabia que essa violência acontecia nas escolas só pelo que a TV mostrava, além de que no meu tempo de aluna, presenciei apenas algumas trocas de palavras mais ofensivas. E agora eu estava ali, dentro da escola onde acontecia tamanha brutalidade. Nosso professor orientador falou para todos estagiários trazer essa questão para nossas aulas e problematizá-la com os alunos, e isto foi bem difícil, mesmo achando que em hipótese alguma, o professor deve ficar alheio à essas situações. A partir disso, durante as aulas tentávamos sempre, de algum modo, estimular a integração e o respeito entre as meninas.

A seguir, apresento as considerações finais do Trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID da UFRGS me propiciaram ter um contato com diferentes faixas etárias de alunos, bem como diferentes instituições, profissionais e colegas envolvidos.

Com a realização dos Estágios foi possível, não só desenvolver, na prática pedagógica, as capacidades e as competências adquiridas ao longo da Formação Inicial, como também, significaram, para mim, uma chance importantíssima para a construção de novos conhecimentos, os quais eu não aprenderia se não tivesse realizado os Estágios.

Dentre as aprendizagens construídas destaco que aprendi a trabalhar com diferentes faixas etárias, construir planejamentos de aula organizados, a ter controle sobre uma turma. Aprendi, também, a falar de uma maneira adequada para as diferentes faixas etárias, desde crianças bem pequenas até adolescentes, pois percebi que são linguagens totalmente diferentes. Aprendi, ainda, a lidar com alunos mais desafiadores e “briguentos”. Aprendi a trabalhar com a ludicidade, controlar o nervosismo e a ansiedade, saber lidar, de algum modo, com a questão da violência nas escolas e a lidar com as não tão boas condições de infraestrutura de uma escola, por exemplo, escassez de materiais e espaços disponíveis para dar aula de EFI.

Enfim, percebo que adquiri desenvoltura para adaptar-me as mais variadas situações que podem acontecer durante uma aula de EFI para variadas faixas etárias. Desenvoltura esta que, no início, eu não tinha nenhuma, o simples fato de uma turma de crianças bem pequenas sair correndo para brincar nos brinquedos, já era motivo para eu largar a turma e ir chorar (e isso de fato aconteceu em uma aula). Hoje, isso não aconteceria mais, uma solução, ou outra, eu tentaria arrumar. O que quero dizer é que estas situações vão sempre acontecer, mas no período inicial de Estágio, eu as via como assustadoras e hoje não enxergo mais assim, as vejo como um incentivo para buscar alternativas para solucioná-las. Foram justamente através das muitas dificuldades e dos desafios vividos ao longo da realização dos Estágios, que pude construir as aprendizagens e os conhecimentos, pois tive que buscar as alternativas para seguir meu trabalho na escola.

Deste modo, os Estágios assumiram, para mim, um papel de fundamental importância por oferecer experiências pedagógicas concretas. A partir disso, posso

concluir que os Estágios de Docência são uma disciplina fundamental, já que favoreceram o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do aprendizado intelectual, social e emocional.

Retomando o problema de pesquisa deste TCC: **Como as principais aprendizagens construídas e os desafios vividos na realização dos três Estágios de Docência da ESEFID/UFRGS contribuíram para minha formação docente em Educação Física?**, destaco que aprendi que, boa parte daquilo que acontece nas aulas de EFI é reflexo das atitudes do professor em aula, assim sendo, ressalto a importância das reflexões a partir da prática, que foi justamente o que eu procurei realizar neste TCC. Considero que este Trabalho foi muito significativo em minha formação, já que eu não refleti sobre o que eu iria fazer ou deveria fazer, mas sim no que eu fiz nos Estágios, e penso que aí é que está a especificidade da formação pedagógica.

Ao final deste Projeto de TCC, vejo a importância de se estudar a docência, pois estudar a docência me revelou que há muito que aprender sobre o que ensinamos e como ensinamos EFI nas escolas. Finalizando, esta reflexão que fiz neste Trabalho almeja, não apenas discutir a temática do Estágio de Docência no curso de EFI, mas, ao mesmo tempo, atrair a atenção dos leitores para a necessidade de continuar a formular novas perguntas sobre a EFI, de se questionar sobre o que é fundamental no que concerne à realização do Estágio, bem como da precisão de permanecermos com este diálogo a partir de estudos que possam se dedicar para esta temática com intensidade e criticidade.

REFERÊNCIAS

AZOLINI, Lucas Carneiro. **O Estágio Supervisionado na formação do professor de Educação Física**: um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012. 2012. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BISCONSINI, Camila Rinaldi; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassóli de. O Estágio Curricular Supervisionado na formação inicial para a docência: as significações dos estagiários como atores do processo. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 347-359, set. 2016.

BRAGA, Tiago de Matos. **Educação Física na Educação Infantil**: O caso da construção de uma proposta pedagógica em uma escola pública de Educação Infantil de Porto Alegre/RS. 2016. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

D'AVILA, Alexandra. Afetividade na Educação Infantil. In: KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; SILVA, Lisandra Oliveira e; BRAGA, Tiago de Matos (Orgs.). **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?**: Relatos de experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149104/stats>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

FARIAS, Gelcemar Oliveira et al: Preocupações pedagógicas de estudantes-estagiários na formação inicial em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n. 3, p. 310-319, jul/set. 2008.

GASPARETTO, Sabine Rocha. **O gerenciamento do tempo das aulas de Educação Física no Ensino Médio**. 2014. 33 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GHILARDI, Reginaldo. Formação Profissional em Educação Física: A relação teoria e prática. **Motriz**, Rio Claro, v. 4, n. 1, jun. 1998.

KIELING NETO, Clinton Rogério. “**Aprender a ensinar**”: As demandas da prática pedagógica na perspectiva dos estagiários de educação física dos anos iniciais do ensino fundamental. 2016. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Educação Física) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 2**. Ijuí: Unijuí, 2001.

MAFFEI, Willer Soares. Prática como componente curricular e Estágio Supervisionado na formação de professores de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 229-244, dez.2014.

MARTINELLI, Rafael. “**Cartas na Manga**”: O circo como conteúdo na Educação Física Infantil. 2016. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. No prelo.

MARTINY, Luis; SOUZA, Irani; SILVA, Pierre Gomes da. Como Saber se Meu Mundo de Ideias Daria Certo na Prática? o medo da docência no estágio supervisionado em Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 40, p. 51-66, jun.2013.

MORAES, Maicon Pereira. A imprevisibilidade da Docência: aprendizagens e desafios do Estágio de Educação Física na Educação Infantil. In: KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; SILVA, Lisandra Oliveira e; BRAGA, Tiago de Matos (Orgs.). **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?**: Relatos de experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149104/stats>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

OLIVEIRA, Ana Carolina Santana de; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Construindo saberes pela formação e prática profissionais de uma professora de Educação Física do ensino médio. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 3, p. 252-259, jul./set. 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.

PÉREZ, Gomes. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ, Gomes. **Compreender e transformar a escola**. 4a ed., Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 13-25.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores** – Saberes da Docência e Identidade do Professor. São Paulo: Cortez, v. 3, set. 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. A **Construção da didática no GT Didática** – análise de seus referenciais. São Paulo: Cortez, v. 18, n.52, jan./mar. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores** – unidade teoria e prática? 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Lisandra Oliveira e. **Os Sentidos da Escola na Atualidade**: Narrativas de Docentes e de Estudantes da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. 2012. 316 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Lisandra Oliveira e; TORES, Lisiane. Contextualizando o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; SILVA, Lisandra Oliveira e; BRAGA, Tiago de Matos (Orgs.). **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?**: Relatos de

experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149104/stats>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

SOUZA NETO, Samuel de; SARTI, Flavia Medeiros; BENITES, Larissa Cerignoni. Entre o Ofício de Aluno e o Habitus de Professor: Os Desafios do Estágio Supervisionado no Processo de Iniciação à Docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 311-324, jan./mar. 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIEIRA, Aline Oliveira; SANTOS, Wagner dos; FERREIRA NETO, Amarílio. Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 119-139, jul/set. 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TABELA REVISÃO DE LITERATURA

TÍTULO	AUTOR	REVISTA	LINK
“Como Saber se Meu Mundo de Ideias Daria Certo na Prática?” o medo da docência no estágio supervisionado em Educação Física	Luis Martiny Irani Souza Pierre Gomes-da-Silva	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n40p51
Prática como componente curricular e Estágio Supervisionado na formação de professores de Educação Física	Willer Soares Maffei	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n43p229
O Estágio Curricular Supervisionado na formação inicial para a docência: as significações dos estagiários como atores do processo	Camila Rinaldi Bisconsini Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p347
Formação inicial do professor de Educação Física: produções acadêmicas entre 2005 – 2014	Willer Soares Maffei Carlos Eduardo Lopes Verardi Dalton Müller Pessôa Filho	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/43190
Ensinando e aprendendo na ação docente em Educação Física	Lílian Aparecida Ferreira	Revista Motriz	http://pesquisa.bvsalud.org/bvsvs/resource/pt/lil-507771
Construindo saberes pela formação e prática profissionais de uma professora de Educação Física do ensino médio	Ana Carolina Santana de Oliveira Glauco Nunes Souto Ramos	Revista Motriz	http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1698/1888
Competências do professor de educação física e formação profissional	Rodrigo Nuno Peiró Correia Osvaldo Luiz Ferraz	Revista Motriz	http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-03072008-095355/pt-br.php
Preocupações pedagógicas de estudantes-estagiários na formação inicial em Educação Física	Gelcemar Oliveira Farias Alexandra Folle, Jorge Both Michél Angillo Saad Anderson Santiago Teixeira William das Neves Salles Juarez Vieira do Nascimento	Revista Motriz	http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=506909&indexSearch=ID
Formação Profissional em Educação Física: A	Reginaldo Ghilardi	Revista	http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/04n1/4n

Relação Teoria e Prática		Motriz	1_ART01.pdf
Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente	Aline Oliveira Vieira, Wagner dos Santos, Amarílio Ferreira Neto	Revista Movimento	http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/28131
Entre o Ofício de Aluno e o Habitus de Professor: Os Desafios do Estágio Supervisionado no Processo de Iniciação à Docência	Samuel de Souza Neto Flavia Medeiros Sart Larissa Cerignoni Benites	Revista Movimento	http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/49700
A identidade do professor de educação física: um processo simultaneamente biográfico e relacional	Inês Cardoso Paula Batista Amândio Graça	Revista Movimento	http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/54129
Análise das práticas e o processo de formação de professores de educação física: implicações para a fundamentação da epistemologia da prática profissional	Luiz Gustavo Bonatto Rufino Larissa Cerignoni Benites Samuel de Souza Neto	Revista Movimento	http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/62108
Reflexões sobre o estágio supervisionado no curso de licenciatura em educação física: entre a teoria e a prática	Sandra Aparecida Zotovici Janaína Benasse Melo Márcia Zendronde Campos Larissa Michelle Lara	Revista Pensar a Prática	https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/16593/14610
O conhecimento do contexto na formação inicial em Educação Física	Daniel Marcon Amândio Braga dos Santos Graça Juarez Vieira do Nascimento	Revista Brasileira de EFI e esporte	http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/77917
A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em educação física	Daniel Marcon Juarez Vieira do Nascimento Amândio Braga Santos GRAÇA	Revista Brasileira de EFI e esporte	http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/viewFile/16640/18353
Critérios para a implementação de práticas pedagógicas na formação inicial em educação física e implicações no conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores	Daniel MARCON Amândio Braga dos Santos Graça Juarez Vieira do Nascimento	Revista Brasileira de EFI e esporte	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000300013
“O que eu transformaria? Muita coisa!”: os saberes e os não saberes docentes presentes no estágio supervisionado em educação física	Luis Eugênio Martiny Pierre Normando Gomes-da-Silva	Revista da EFI da UEM	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-30832011000400008&script=sci_abstract&tlng=pt
Competência profissional percebida: um estudo	Lenamar Fiorese Vieira	Revista da	http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Rev

com estudantes de educação física em formação inicial	José Luiz Lopes Vieira Renata Fernandes	EFI da UEM	EducFis/article/view/3375
Preocupações pedagógicas e competência profissional de estudantes de educação física em situação de estágio	Vandressa Teixeira Ribeiro Alexandra Folle Gelcemar Oliveira Faria Patrik Felipe Nazario	Revista da EFI da UEM	http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21835
Os estágios de docência: um exercício de realização de planejamentos de ensino e gestão de classe na educação física escolar	Rogério Nunes Bonorino	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/87660
“Aprender a ensinar”: As demandas da prática pedagógica na perspectiva dos estagiários de educação física dos anos iniciais do ensino fundamental	Clinton Rogério Kieling Neto	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/156518
A prática docente num estágio supervisionado do ensino médio: a relação com os saberes docentes	Conrado Alencastro Bueno	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/87667
Práticas inovadoras na educação física escolar: relato de experiência a partir do estágio de docência no ensino fundamental com anos iniciais	Maicon Moraes de Oliveira da Silva	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/116150
A construção das relações estagiários-estudantes no estágio de docência em educação física no ensino fundamental da UFRGS em uma escola estadual de porto alegre/RS	Jayne Luisa Engeroff	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/116036
Práticas corporais nos estágios de educação física da UFRGS	Fábio Kich	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/133497
O estágio supervisionado na formação do professor de educação física: um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012	Lucas Carneiro Azolini	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70296
O gerenciamento do tempo das aulas de educação física no ensino médio	Sabine Rocha Gasparetto	LUME	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101735